

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Tribuna Class.: Guarapuá SP 1717
 Data 26/03/93 Pg.: _____

Poluição ameaça Bacia Hidrográfica de Itanhaém

Fotos José Moraes

Luiz Marcelino Ferreira

Da Sucursal de Itanhaém

A Bacia Hidrográfica de Itanhaém, uma das maiores do Estado de São Paulo, composta por cerca de 21 rios, e que faz divisa com a Capital, está ameaçada de morrer, caso as autoridades competentes não tomem providências quanto à fiscalização e preservação da área.

Poluição, invasões de mangues, extinção de várias espécies de animais, ação de areeiras e indústrias e agressões à vegetação natural, tipicamente de Mata Atlântica, não são problemas restritos às regiões Amazônica e do Pantanal. Eles também existem em Itanhaém.

Os próprios moradores dessa região afirmam que a paisagem só não foi totalmente destruída por insistência da natureza, "que teima em manter vivo um verdadeiro paraíso ecológico, localizado a menos de 100 quilômetros da maior cidade da América Latina".

Quando se fala das famílias ribeirinhas é que se percebe que

ainda existe esperança, pois são elas que se preocupam em manter os rios repletos de peixes. Essas pessoas vivem da pesca e da agricultura (bananicultura). Além dos moradores, várias entidades, sejam elas ecológicas ou não, se preocupam e tentam, junto aos governos Estadual e Federal, a liberação de recursos para serem aplicados na manutenção desse potencial.

Até mesmo a construção de uma barragem, na região de Parelheiros, na Grande São Paulo, tem sido motivo de brigas entre políticos, índios, caçaras e ecologistas. Caso a Sabesp conclua esta obra, a vazão desses rios irá diminuir sensivelmente, colocando em risco a vida dessas centenas de pessoas.

"O problema começará com a aldeia dos índios, que será alagada. Depois, o problema virá para mais próximo da Cidade, pois o volume de água dos nossos rios irá diminuir e, em alguns casos, até acabar", afirma Becheli, vereador de Itanhaém, que tem acompanhado a luta das entidades preservacionistas.



As barcas continuam extraindo areia irregularmente nos rios de Itanhaém, em virtude da deficiência da fiscalização



Os efeitos da poluição castigam famílias ribeirinhas e pescadores

VIDE-VERSO

Cetesb conclui estudo sobre os rios

A Cetesb, em conjunto com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente, e com auxílio do Instituto Hans Staden e da Fundação Martius, ambos da Alemanha, está concluindo estudo, iniciado em 1983, para se conhecer a realidade da Bacia Hidrográfica de Itanhaém.

O ambientalista Ernesto Zwarg, conhecido em todo o Litoral e Vale do Ribeira por suas lutas ecológicas, garante que com esse estudo a situa-

ção pode se modificar. "Foram feitos levantamentos biológicos, cartográficos, botânicos e até sociais. A idéia inicial é retirar os invasores dos mangues para, posteriormente, iniciar um projeto de preservação", disse, garantindo que o potencial turístico pode ser aproveitado.

"O turismo ecológico se aplica perfeitamente nesse caso. As pessoas que gostam de admirar paisagens magníficas, como as que existem em Itanhaém, poderão saber que existe uma re-

gião como a Amazônica a 100 quilômetros de São Paulo", disse o ambientalista.

Esses estudos, ainda de acordo com Zwarg, incluem os morros que cercam a região. "Precisamos continuar lutando contra os loteamentos nesses locais. São áreas de preservação, como diz a nossa própria Lei Orgânica. A Cetesb e a Sema criarão as Áreas de Preservação Ambiental e ninguém mais poderá agir nessa região". (LMF)

Guarapuá SP

Ação de areiras ainda traz prejuízo à região

A ação de areiras nos rios é bem conhecida em Itanhaém, mas o trabalho dos órgãos fiscalizadores nunca foi suficiente para acabar com esta irregularidade. A *Tribuna* conseguiu flagrar a draga *Sentinela* trabalhando, no último dia 20, no Rio Aguapeú. Recentemente, a Polícia Florestal afirmou que não pode agir de maneira mais energética por falta de equipamentos.

O tenente Monteiro, que já foi o responsável pelo Batalhão de Itanhaém, chegou a dizer que quando a Florestal prepara uma operação para flagrar e multar os infratores, precisa pedir uma barca para a Colônia de Pescadores. Só que quando isso acontece, os donos das areiras ficam sabendo e param de trabalhar.

Quem tiver interesse em ver uma dessas máquinas trabalhando, ou paradas nos rios, só precisa navegar até as proximidades da ponte sobre o Rio Aguapeú. Essas areiras, inclusive, já foram denunciadas como as responsáveis pelo desvio do curso do Rio Branco.

“Retiraram tanta areia da margem do rio, que uma passagem para barcos de pesca, que sempre teve pouco mais de dois metros de largura, possui, hoje, quase 100 metros”, contou o responsável por uma marina, que preferiu não ter seu nome revelado, para evitar represálias. (LMF)

Os pescadores, que precisam dos rios para sobreviver, estão preocupados apenas com um problema: a poluição. Produtos químicos jogados na água por criadores de animais, esgoto saindo das casas dos invasores de manguezais, falta de consciência das pessoas que utilizam a Bacia Hidrográfica de Itanhaém para o lazer e uma fábrica de farinha

de peixe, no Aguapeú, são algumas irregularidades apontadas.

O líder dos pescadores e presidente da Colônia Z-13 José de Anchieta, Leonildo Garavatti, garante que várias espécies de peixes já desapareceram. “Não vemos mais a pescada amarela, pescada branca, pescada olhuda e a pescada banana”, disse ele, afirmando que ainda é possível encontrar parati, tainha, robalo,

caratinga, bagre, mero, caranha e camarão.

“Enquanto os pescadores fazem questão de respeitar o defeso de certos tipos de peixe, muitos outros praticam a pesca predatória. Além disso, todos os membros da Colônia praticam a pesca artesanal e não industrial, como é comum ver por aqui”.

Ele denuncia ainda que vários criadores de porcos, que residem

à margem do Rio Guapara, estão jogando detritos e produtos químicos na água. “Esses farelos utilizados como ração para os porcos, além de taparem as guelras dos peixes, são tratados com agrotóxicos”.

Garavatti acrescentou que a existência de favelas na beira dos rios também tem acusado prejuízos para sua categoria. (LMF)

Sumiço de peixes preocupa pescadores

População ribeirinha sofre com invasões

A invasão dos manguezais de Itanhaém acabou afetando as famílias ribeirinhas e os pescadores. Os barracos armados próximos aos rios têm causado sérios problemas, pois o esgoto não recebe nenhum tipo de tratamento antes de ser lançado na água.

O Rio Curitiba é o mais atingido. Além da favela que se formou em sua margem, ele recebe o esgoto do recém-inaugurado Conjunto

Habitacional do Trevo da Cesp. “Nossas autoridades incentivam esse tipo de invasão. Isso é crime, pois várias espécies de animais silvestres estão desaparecendo, bem como os peixes”, denunciou o líder de pescadores Leonildo Garavatti.

O ambientalista Ernesto Zwarg defende a idéia de que os barracos devem ser removidos do rio para o Jardim Oásis, “onde existem várias áreas para serem ocupadas”.

As crianças que moram nessas favelas brincam nos rios e os favelados consomem peixe do Rio Curitiba, correndo risco de contaminação. As campanhas de prevenção à cólera, segundo os moradores, nunca chegou à região.

Para realizar a reportagem sobre os rios de Itanhaém, a equipe de *A Tribuna* contou com a colaboração da Marina Maitá, que ceceu a lancha *Blondie*. (LMF)

Os rios do Município	
Nome do rio	Bairro mais próximo
Itanhaém	Centro
Branco	Serra do Mar
Preto	Rio Acima
Aguapeú	Fazenda Áurea
Curitiba	Jardim America
Volta Deixada	Rio Acima
Nego Morto	Jardim Coronel
Cavuçu	Jardim do Pescador
Ipanema	Cantareira
Do Poço	Belas Artes
Caepupu	Divisa com Peruibe
Itariri	Balneário Gaivota
Saguava do	Várzea do Encantado
Capivari	Aldeia dos Índios
Monos	Aldeia dos Índios
Mambu	Fazenda Mambu
Piaçaguera	Balneário Gaivota
Campininha	Jardim Oásis
Boacica	Serra do Mar
Mandipaúva	Carvalhos
Guapara	Jardim Oásis